



Reflexões sobre o autorretrato

Cris - Cristiane Pizzutti

Há pouco, o dicionário inglês Oxford elegeu a palavra "selfie", que significa o ato de se autofotografar, como a "palavra do ano" no Reino Unido. Já há algum tempo venho tentando entender esse comportamento de se autofotografar, que é mais frequente entre os mais jovens. Uma das razões para isso é que o foco é mesmo dividir as "autofotos" com amigos nas redes sociais, que são mais atrativas para esse público. Mas também imagino que não haja muitos adeptos entre os "mais velhos" porque os "super closes" fazem com que as "super-rugas" saltem aos olhos. Aparentemente, tudo começou quando um desses jovens teve aquele momento em que se olhou no espelho e se sentiu gatão (para usar uma palavra "bem moderna"). Daí a começar a se fotografar "fazendo caras e bocas" diante do espelho "é um pulo". O filósofo brasileiro Mc Bola já havia detectado esse fenômeno, ao escrever a seguinte poesia ultramoderna "É a mais-mais, ela arrasa no look. Tira foto no espelho pra postar no facebook". Mas, voltando ao que interessa, depois eles começaram a esticar o braço o máximo que podiam, a virar a câmera para si mesmos e "Click! Click! Click!" E eis que surge o ato de se autofotografar. Que, diga-se de passagem, só é possível com o advento da câmera digital. E eles fazem isso em praticamente todas as situações. Em shows – eles ficam de costas para o palco e para o artista, estendem o braço e "Click! Click! Click!" No estádio de futebol. Em frente à estátua. "Click! Click! Click!" À beira-mar. E até em momentos não tão adequados assim. Em um site para adolescentes, encontrei as seguintes dicas: respeite a privacidade dos outros, não faça selfies no banheiro ocupado; se sofrer um acidente, hospital primeiro, selfie depois; e não faça selfie em um funeral, muito menos com as cinzas de sua avó. Me pergunto se esse será um comportamento extremado de individualismo. Sinceramente, não sei responder. Antes, quando estávamos sozinhos, tínhamos que ser simpáticos e pedir a alguém (provavelmente, um estranho), para tirar a nossa foto. Inclusive aprendíamos como dizer isso em várias línguas: "Sacar una foto?"; "Could you take a picture for me?"; "Benim için bir resim alabilir?" O resultado do 'selfie' é que, atualmente, é possível fazer uma viagem inteira sozinho, sem conversar com ninguém além do recepcionista do hotel e dos garçons dos restaurantes. Será que sou a única a sentir saudade daquela maravilhosa espera, enquanto nossas fotos eram reveladas naquele papel brilhante 9 x 13? E quando deixávamos

o filme mal encaixado dentro da máquina e saíamos a tirar fotos, às vezes 36 poses, sem perceber que não estávamos tirando foto alguma? Frustração total. E quando abríamos a máquina sem ter rebobinado totalmente o filme? Queimação total. E a economia que tínhamos que fazer? Cada foto tirada era uma 'pose' que não voltava mais. Era preciso pensar, enquadrar, posar, suspirar e finalmente clicar e "seja lá o que Deus quiser..." Ter boas fotografias era questão de muita atenção, paciência e certa perseverança. Agora, é só esticarmos o braço, sorrir e "partir para o abraço!"